

Planejamento de pesquisas^{*} *Research design*

Wade Clark Roof^{**}

Introdução

Nos cursos em que ensino Sociologia da Religião americana, muitas vezes sou abordado por alunos que dizem algo do tipo “Eu tenho um tema interessante para o meu trabalho em sua disciplina, mas não sei como proceder para pesquisá-lo. Você pode me ajudar?”. A lacuna entre estes dois elementos — um tema interessante e um plano de pesquisa adequado — não é incomum para os alunos de Ciência da Religião. Em parte, isso ocorre porque o estudo da religião carece de uma abordagem metodológica própria e distinta. Ele empresta métodos e lógicas de estudo de várias disciplinas dentro das Ciências Humanas e Sociais, e cada vez mais das Ciências Cognitivo-evolutivas, mas também do estudo moderno da religião, como um campo, agora liberado dos limites da reflexão teológica. Ele emerge como um híbrido intelectual com diversas raízes na história da Fenomenologia, Filosofia e Estudos Textuais, por um lado, e da Antropologia, Sociologia e Psicologia, por outro. Não há um paradigma singular de estudo amplamente aceito.

Além disso, o fenômeno que estudamos é elusivo, difícil de estabelecer e desafia uma definição fácil. Para aumentar a complexidade, “religião”, no contexto de vida das pessoas, tem significados tanto de primeira ordem quanto de segunda ordem. Há os quadros interpretativos dos próprios crentes religiosos, que são, muitas vezes, o objeto de estudo dentro, digamos, da etnografia. No entanto, enquanto estudiosos, olhamos mesmos fenômenos e aplicamos seus próprios esquemas conceituais e teorias de forma independente, mas, por vezes, influenciados pela maneira como os participantes descrevem seus próprios mundos. As disputas sobre interpretações acadêmicas e

^{*} Capítulo 1.5 do livro *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*, organizado por Michael Stausberg e Steven Engler. Tradução de Carlos Antonio Carneiro Barbosa, doutorando do PEPG de Ciências da Religião da PUS/SP. Revisão de Eduardo R. Cruz. Negritos ao longo do texto são do próprio autor. Tradução gentilmente autorizada por Taylor & Francis, proprietária dos direitos autorais da obra. A tradução mantém as normas formais do original suspendendo as regras redacionais da REVER.

^{**} Professor de Religião e Sociedade na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, EUA.

abordagens analíticas são comuns, muitas vezes deixando os alunos confusos quanto ao que realmente sabemos sobre a religião. Como diz Willi Braun:

Fórmulas de "religião" divergentes, conflituosas, até mesmo contraditórias, não são apenas possíveis, mas vivem vigorosamente lado a lado em centenas de departamentos de Religião em universidades, cujo conhecimento é retransmitido para o consumo erudito e popular em um volume surpreendente de publicações [. . .] O Campo da Ciência da Religião é uma selva desconcertante (BRAUN 2000, 5).

Isso é verdade até certo ponto, mas a situação descrita por Braun também contribui para o debate no estudo de religião, e obriga os pesquisadores a pensarem criticamente sobre questões fundamentais: como se elabora um **projeto de pesquisa**? Como a religião deve ser conceituada e analisada? E sobre as lógicas e modos de análise, como estes se relacionam com determinados métodos de pesquisa? Que protocolos devem ser seguidos? Pode-se ser flexível em uma pesquisa, ou deve-se seguir as regras estabelecidas a qualquer custo? Todas essas são questões para as quais as respostas não são óbvias, nem simples; quanto mais sondamos tais questões, mais percebemos o quão complexas e, por vezes controversas, elas podem ser. Todas essas são questões que também devem levar em consideração o **plano de pesquisa**, ou seja, o plano global ou estratégia para alcançar o(s) objetivo(s) de uma investigação particular. Ele deve ser distinguido do tópico mais amplo da **metodologia**, que reflete sobre a adequação dos planos de pesquisa e a validade dos resultados da investigação a partir da perspectiva da Lógica e da Filosofia da Ciência.

Aqui, nossa preocupação é com o plano de pesquisa, com abordagens e procedimentos específicos para conduzir uma investigação. Daremos muita atenção aos métodos de pesquisa— ferramentas utilizadas — para a seleção, coleta, classificação, análise de observações e outros tipos de informação. Os pesquisadores assumem a responsabilidade pela escolha dos métodos e sua utilização na interpretação e representação dos resultados da pesquisa. Geralmente, essas escolhas devem refletir a autenticidade e confiabilidade do pesquisador, bem como atender aos testes de intersubjetividade, como enfatiza Riis (2009, 239). Os dois primeiros são bastante simples como virtudes pessoais, mas o segundo implica que entre dois ou mais pesquisadores que utilizam os mesmos dados, métodos e modos de análise, deve haver uma boa dose de concordância quanto às conclusões. Embora, como um princípio, haja sempre algum espaço para divergências de interpretação, o acordo intersubjetivo é bom na medida em que dá um impulso em direção ao alcançar ainda maior precisão.

Como todos estes pontos sugerem, a pesquisa tem uma face pública acentuada: normalmente realizamos nossas investigações dentro e na expectativa de escrutínio por

uma comunidade de pesquisadores — sociedades profissionais e acadêmicas, em particular — com entendimentos amplamente compartilhados sobre procedimentos de pesquisa aceitáveis. As publicações em revistas normalmente são revisadas por pares e devem atender a padrões acadêmicos relacionados com o ajuste apropriado de conceitos e evidência e lógica de argumentação. Às vezes, isso envolve a exclusão de explicações alternativas e defesa de um argumento particular, mas sempre existem protocolos através dos quais os procedimentos são avaliados. Mesmo com pesquisa exploratória que, como o termo indica, é menos rigorosa, a investigação envolve uma medida de disciplina e aderência aos princípios da pesquisa. Muitas vezes, o último é um primeiro passo conducente a uma estratégia mais abrangente, e frequentemente mais complexa, de pesquisa no tratamento de temas.

A palavra "religião"

Além de exercício da disciplina, os pesquisadores precisam de uma imaginação exploradora, que os impulse a buscar novas pistas promissoras de como e porque as coisas religiosas, ou ligadas ao religioso, permanecem juntas. A pesquisa se baseia em questões iniciais ou palpites sobre tais conexões, e muitas vezes se expande em hipóteses em um sentido mais formal, mas quase sempre se torna mais abrangente ou complicada quando se começa a pensar sobre suas possíveis complexidades. Assim como o crítico social C. Wright Mills (1959) disse uma vez, uma "imaginação sociológica" pode possibilitar uma melhor compreensão da ordem social e da localização de alguém dentro dela; similarmente, uma "imaginação religiosa" pode ajudar a compreender essa coisa complexa chamada religião, embebida tão profunda e variadamente na cultura, de formas tanto visíveis quanto invisíveis, óbvias e não tão óbvias. Além disso, tal imaginação deve se estender para além de uma simples compreensão do próprio fenômeno religioso, e também estimular a reflexão mais geral sobre como um pesquisador em particular, ou grupo de pesquisadores num determinado tempo e lugar, as pessoas que são pesquisadas, direta ou indiretamente, e o processo de pesquisa, estão intimamente interligados.

Uma imaginação crítica é essencial por várias razões. Uma delas é que o termo "religião" engloba um conjunto complexo de formas: as instituições, as tradições, os novos movimentos, textos sagrados, nacionalismo religioso, práticas espirituais alternativas e assim por diante. Cada forma requer sua própria conceitualização e lógica de pesquisa em relação a um contexto social específico. Além disso, há o desafio de se distinguir entre o "religioso" e o "não religioso" no mundo contemporâneo. Com o consumo desenfreado e a "commoditização" de temas religiosos — ou seja, maneiras pelas quais crenças, mitos, ensinamentos e práticas éticas são atraídos para a cultura comercial —, a distinção entre os dois torna-se ainda mais difícil e exige

conceitualização especialmente criativa. Isto é particularmente evidente no caso dos movimentos que abordam questões de espiritualidade, recuperação, jornada e significado pessoal, tudo fortemente delineado em linguagens psicológicas de afirmação de identidade.

Além disso, no contexto moderno, os pesquisadores precisam ser sensíveis às tendências de privatização e desprivatização da religião (CASANOVA, 1994). A crença individual e a espiritualidade ilustram o primeiro, e o ressurgimento do fundamentalismo, o segundo. No geral, os pesquisadores devem entender que tradições religiosas são reinventadas, estando em constante mudança, e que as pessoas exercem escolha considerável na formulação de seus próprios mundos religiosos, provavelmente muito mais hoje do que no passado.

A "Religião vivida" é muito diferente do que a normativamente definida pelas autoridades religiosas. Tanto a ênfase de Bourdieu (1977, capítulo 1) nas "práticas estratégicas" quanto a metáfora cultural do "kit de ferramentas", de Swidler (1986) sinalizam essa situação mais aberta e fluída da vida religiosa vivida. Por exemplo, de acordo com uma pesquisa nacional recente, cerca de um quarto dos norte-americanos, dentre aqueles que tendem a ser politicamente liberais, dizem que acreditam na reencarnação e/ou na prática de Yoga — evidência de uma difusão global de influências religiosas e espirituais e também de uma reconfiguração da religião e da política (PEW FORUM ON RELIGION AND PUBLIC LIFE, 2009). Apontando para as complexidades dos sistemas de significado religioso, o estudioso da religião Robert Orsi (1997, 7) enfatiza que os especialistas deveriam prestar mais atenção à "hermenêutica do hibridismo", que ele assim descreve "como pessoas em locais e horários específicos, vivem em, com, através e contra as expressões religiosas, incluindo, muitas vezes, as que não são explicitamente suas".

Conceituar a religião como uma forma particular, especialmente no mundo contemporâneo, precede a formulação completa de um plano de pesquisa. Com o estudo histórico da religião, torna-se tentador impor os nossos próprios pontos de vista, temporalmente limitados, em suas formas e significados, como se esses se encaixassem em outros tempos e lugares. Mesmo ao se estudar um texto hindu antigo ou práticas cristãs medievais, há complicações análogas. Seja em estudos filológico-linguísticos ou análise de ritual histórico, como aponta Hall, existem armadilhas interpretativas: idealismo, objetivação e ideologia, para citar as três que ele menciona (HALL, 1991, 95-98). O idealismo conduz a uma sobreinterpretação da história, assumindo que um motivo ideal ou cultural em particular está operando ao longo do tempo em uma determinada direção; a objetivação implica sobreinterpretação da realidade ou presume que ela pareça mais ordenada do que talvez o seja; e ideologia sugere uma interpretação justificada por um determinado conjunto de ideias e/ou interesses por parte do intérprete ou de uma escola predominante de interpretação. Em cada caso, o

que isso significa para o estudo da religião é que algum viés em potencial pode ser introduzido na interpretação pelo próprio pesquisador. Como Jonathan Z. Smith (1978) gosta de dizer, um "mapa não é o território", ressaltando o ponto que mapas ou esquemas conceituais apontam sempre para uma forma ou manifestação particular de realidades religiosas. Os pesquisadores precisam estar cientes do fato de que qualquer enquadramento conceitual privilegia alguns aspectos e expressões religiosas e outras não, e assim uma mentalidade aberta e inquiridora é essencial para se aproximarem de um tema de pesquisa.

Um projeto de pesquisa

Agora, voltamo-nos para um projeto de pesquisa específico, um que uma universitária especializando-se em estudos da Religião na minha universidade está realizando. Ele fornece um trampolim para a discussão de vários aspectos do plano de pesquisa. O projeto centra-se na religiosidade dos estudantes universitários nascidos de pais inter-religiosos ou em que um dos pais afirma ser religioso e o outro não, e como eles estão se adaptando religiosamente, ou não religiosamente, a essas circunstâncias. Especificamente, ela está interessada no processo de construção de significado dos alunos, de como, nestas situações, criam seletivamente suas próprias crenças e práticas, i.e., se eles são religiosos, o como e o porquê, e se não religiosos, em que sentido não o são e o porquê. Quanto à forma particular de religião que ela quer explorar, trata-se da mistura e combinação contemporâneas de temas extraídos de tradições religiosas e discussões atuais sobre espiritualidade. Ela é clara sobre o porquê de este último tipo de formação religiosa ser de seu interesse: sua mãe é uma praticante do Sikhismo Americano, mas também lê literatura mística de várias tradições religiosas; seu pai afirma ser "não religioso", mas admite que seus avós eram luteranos noruegueses. Reconhecendo a complexidade de sua situação familiar, ela percebe que seu estudo requer uma atenção especial às questões da identidade e da prática religiosa, e particularmente com filhos de imigrantes que procuram ater-se a aspectos de sua cultura de origem, integrando-os em uma nova sociedade, altamente pluralista, como a dos Estados Unidos. Ela é levada à análise sociológica da religião, mas quer combiná-la com a especificidade histórica dos grupos religiosos. Seu plano de pesquisa é **transversal**, ou seja, aquele que analisa padrões entre os fatores identificados por ela como influenciando os resultados religiosos dos alunos com base na análise em um ponto no tempo. Um pesquisador faz inferências sobre a magnitude de influências e tendências presumidas, da comparação dos fatores dentro desse único quadro. Isso difere do plano **longitudinal**, pois, como esse último sugere, envolve a pesquisa empreendida em mais de um ponto no tempo, sendo um meio de identificar e medir com maior precisão as tendências ao longo de um período de tempo designado.

Unidades de análise

Talvez o primeiro e mais óbvio problema no plano de pesquisa que vem à tona nesse projeto é a unidade de análise. Isso tem a ver com o nível de conceituação, que, no caso, é o de indivíduos - a sua identidade como religiosos ou não, e como isso se dá e de quais maneiras. A unidade de análise forma o modo como pensamos as propriedades que são mais evidenciadas na pesquisa, ou seja, nesse caso primariamente as crenças e práticas pessoais, mas também afiliações dos alunos a grupos religiosos, compromissos éticos e visões de mundo. Disso segue uma lógica interpretativa moldada a examinar essas características religiosas básicas, com atenção para as conexões entre elas e como estas variam de acordo com a tradição étnica e religiosa, características familiares e de formação, neste caso o nível de escolaridade, classe social e identidade racial e étnica.

No entanto, o estudo do compromisso religioso dos alunos é mais complexo do que pode parecer à primeira vista, uma situação não tão incomum em outros projetos de pesquisa em que o indivíduo é a principal unidade de análise. A influência religiosa de grupos e a herança cultural têm um impacto sobre os indivíduos, mesmo entre aqueles que reivindicam ser seculares e que não reconhecem tais influências sutis. Isto é exemplificado, nesse projeto, pelo pai da pesquisadora que afirma ser não-religioso, mas reconhece seu fundo norueguês luterano. Pode-se também pensar nos judeus não-observantes e católicos culturais, nenhum deles bastante envolvidos em uma sinagoga ou igreja, mas que se identificam comunitariamente, alguns até bem engajados, com a sua etnia e/ou heranças religiosas. É um desafio especificar o alcance e os tipos de influências religiosas no mundo atual, particularmente entre aqueles que não aparentam ser religiosos. Além das comunidades históricas formadas por tradições religiosas, como a Luterana Norueguesa, há muitos novos tipos de comunidades às quais as pessoas pertencem, algumas explicitamente religiosas, outras nem tanto. Comunidades que emergem de movimentos religiosos populares, e uma grande variedade de pequenos grupos de partilha e busca, tanto dentro como fora da religião organizada, são prevalentes em todo o mundo. Essas comunidades mais recentes são importantes para o estudo da religião. Hoje, a mídia e a tecnologia também têm uma enorme influência sobre estilos religiosos e espirituais; o surgimento de grupos com finalidades específicas, baseados na internet, que extraem seletivamente símbolos, ética e ensinamentos religiosos, todos são muito bem sucedidos na mobilização de grandes círculos em torno de uma série de preocupações convincentes. Por exemplo, temos os movimentos ambientalistas globais, de HIV/AIDS, e os pró-vida e pró-escolha. O papel da pertença comum, tanto em grupos religiosos tradicionais quanto em movimentos mais recentes, é crucial para a compreensão dos tipos de lealdade religiosa individual.

Dimensões do compromisso religioso

A discussão acerca das comunidades e de suas influências leva-nos a uma atenção das várias dimensões do compromisso religioso. Quer analisando as tradições religiosas ou os estilos individuais de fé e espiritualidade, existem grandes componentes em comum, como ritual, mito, doutrina, experiência, ética, comunidade e conhecimento (ver SMART, 1999). Para uma geração anterior de estudiosos, classificar esses vários componentes era essencial para o avanço de uma ampla e bem delineada imagem da religião, necessária para mover o estudo da religião para além de um modo teológico ou confessional, em direção a um modo mais descritivo e comparativo de análise. Mais tarde, psicólogos e sociólogos fizeram mais ou menos o mesmo, olhando para indivíduos e perfilando padrões de comprometimento, e identificando como agrupamentos de dimensões se articulam dentro e através das tradições de fé, e como são correlacionados com as situações de vida das pessoas. A pesquisa empírica de Rodney Stark e Charles Y. Glock (STARK e GLOCK, 1968; ver estudos de pesquisa relacionados, descritos em ROOF, 1979) tornou-se influente ao descrever esses vários tipos de dimensões religiosas no contexto norte americano.

O projeto de nossa estudante, aqui, faz uso da pesquisa sobre dimensionalidade: o plano é perguntar aos alunos sobre suas crenças religiosas, experiências, práticas, valores e conhecimentos e apreço por textos sagrados, usando itens que foram usados por pesquisadores anteriores. Mais do que apenas olhar para estas dimensões substantivas, o pesquisador faz uma bateria de perguntas explorando suas nuances mais profundamente. Em um nível existem as dimensões básicas, como ritual, doutrina, mito, experiências, práticas e assim por diante. Mas cada uma delas também pode ser examinada em outra grade em relação a características selecionadas, dependendo de sua adequação referente ao conteúdo, intensidade de lealdade, centralidade e frequência (ver VERBIT, 1970). A atenção a essas subdimensões ajuda na captura de uma percepção ainda maior sobre a vida religiosa individual e em grupo. Por exemplo, alguns crentes - muitas vezes, os cristãos evangélicos - conhecem bem o conteúdo em que acreditam, apegam-se intensamente a suas convicções e consideraram seu relacionamento pessoal com Deus como central em suas vidas; no entanto, vendo a si mesmos como crentes do tipo "Jesus e eu", eles não sentem a necessidade de participar ativamente dentro de uma comunidade religiosa. Sabendo disso, um pesquisador que analise esses fiéis provavelmente se concentrará mais na crença pessoal e em seu significado subjetivo do que na frequência à igreja, que é um tipo ligado à associação de medida de compromisso religioso. Focar-se na crença e em sua centralidade, nesse caso, contribui para uma maior precisão quanto ao que define a religiosidade para esses seguidores. Por razões acadêmicas, também é importante destacar ênfases particulares no compromisso religioso dentro das tradições e em relação às circunstâncias sociais.

Os teóricos sociais do início do século 20 são lembrados por seus argumentos fortes, contundentes, sobre o papel da religião na sociedade, precisamente porque eles definiram quais os aspectos da religião eram mais centrais e consequentes. Os durkheimianos privilegiaram o ritual e suas funções sociais, e os weberianos ressaltaram a influência autônoma das crenças, ideias e ensinamentos éticos, para citar duas das principais escolas históricas de interpretação.

Lógica e abordagens

Como já observado, o plano de pesquisa refere-se ao plano global de um projeto, um *blueprint* para ligar as várias partes em um processo lógico de investigação. Ele é guiado em primeiro lugar pela pergunta feita na pesquisa. Para o projeto da estudante, isso é traduzido em *“Como e de que forma foram influenciados os pontos de vista e práticas religiosas (ou não religiosas) dos alunos que crescem em famílias de religião mista?”*. É um tipo simples de investigação descritiva. Ela começa com um questionário relativamente curto distribuído em várias classes grandes em sua universidade, perguntando sobre as origens religiosas dos pais dos alunos, reúne informações sobre a demografia social e alguns itens de atitude, e pergunta se eles estão dispostos a participar mais ativamente no estudo. Com essa informação, ela, então, seleciona alguns alunos para entrevistas em profundidade, incluindo tanto os com os pais inter-religiosos quanto os com origens mistas religiosa-não religiosa. Em seguida, ela vai analisar as entrevistas à procura de significado e padrões gerais, a fim de fazer comparações entre os alunos com pais inter-religiosos e aqueles com origens religiosas-seculares. Um procedimento baseia-se em um outro, em um projeto logicamente ordenado.

A lógica interna varia para cada uma dessas fases de pesquisa. Em primeiro lugar, é fundamental que o questionário seja pensado e concebido com cuidado antes de ser administrado. Os itens devem ser redigidos da forma mais clara possível e moldados para obter as informações necessárias para a realização do projeto. Em segundo lugar, as entrevistas em profundidade requerem muita atenção ao se pegar as informações dos questionários e analisar as dimensões e subdimensões de religiosidade, conforme descrito acima. É essencial a familiaridade com a literatura de pesquisa sobre a religiosidade dos alunos, muita da qual inclui itens que foram usados em outros estudos. Recursos metodológicos e bancos de dados também estão disponíveis na Internet (ver "fontes de dados" no final deste Capítulo), dando exemplos de questões que têm sido utilizadas. Usar instrumentos de outros estudos permite a replicação, que é muito valorizada na pesquisa. É quase sempre essencial um pré-teste de todos os instrumentos, e em particular de questões recém concebidas e itens de questionários e entrevistas. Mesmo com instrumentos usados anteriormente, a aplicabilidade depende,

em parte, da população para a qual eles são administrados, em comparação com a sua utilização anterior.

Entrevistas semiestruturadas são apropriadas para a pesquisa em pauta, uma vez que combinam grandes perguntas feitas a todos com perguntas exploratórias em aberto, permitindo ao pesquisador consultar com maior profundidade as nuances de crenças e práticas dos entrevistados. Nesse caso, há um olho direcionado à forma como os estudantes estão forjando sua própria mistura diferenciada de pontos de vista religiosos herdados e improvisados.

Ao longo de tudo isso, há a questão de como os conceitos - o bloco de construção fundamental de qualquer análise - ligam-se às observações e indicadores empíricos. Este último pode ser pensado em termos de "medidas" quantificáveis, como na pesquisa científica social, ou simplesmente como "rótulos" ligados a conceitos, como é geralmente o caso da pesquisa humanística. Medidas são consideradas como **definições operacionais**, frequentemente arbitrárias, para explorar o espaço conceitual assumido como sendo um aspecto da realidade a ser examinado, enquanto que os rótulos são simplesmente nomes dado aos conceitos. Críticas, aqui, são as noções de validade e de confiabilidade, termos procedentes da metodologia científica, mas agora amplamente absorvidos em discussões de análise qualitativa, bem como na pesquisa humanista (ver DENZIN e LINCOLN, 2003). A validade refere-se ao caso de um método particular "chegar ao" objeto de estudo de modo que permita uma concordância razoável entre dois ou mais pesquisadores. "Validade de Face" é uma preocupação costumeira, ou seja, se a medida ou rótulo captam adequadamente o que se pretende na pesquisa; o julgamento sobre a validade, nessa simples leitura do termo, pode significar pouco mais do que um pesquisador ter um senso informado de sua adequação, ou melhor, se for considerado adequado em função de outros resultados da investigação, e o quão convincentes e intuitivamente corretos são os argumentos baseados em sua utilização. A confiabilidade é saber se o uso repetido de uma medida em pesquisa empírico-estatística produz resultados semelhantes; normalmente, na pesquisa humanística, tal julgamento sobre rótulos de conceitos refere-se, como acontece com a validade, à adequação e consistência da conceituação como revelado ao longo de uma série de estudos. Confiabilidade implica a validade, mas a estende a uma consideração de repetibilidade.

Para o projeto em análise, a pesquisadora baseia-se em uma revisão de literatura sobre a religiosidade de estudantes, vendo como outros pesquisadores usaram conceitos e medidas específicas para conferir como eles preveem outras respostas. Por exemplo, "Creio em Deus" iria provavelmente se correlacionar com "Eu acredito em algum propósito final na vida". Esse é um exemplo simples e um tanto trivial do que é conhecido como "validade preditiva". Ela também considera informações qualitativas de estudos históricos sobre as tradições religiosas e as experiências de grupos de

imigrantes nos Estados Unidos. Tanto quanto for possível, ela planeja se envolver em uma "análise de conteúdo", observando temas das entrevistas em profundidade relativos ao conhecimento e o compromisso em relação aos textos sagrados; influenciada pelo interesse de sua mãe em escritos místicos, como os do Adi Granth e do poeta Kafir, ela planeja consultar os alunos sobre a literatura religiosa lida por eles e por seus pais, para, em seguida, explorar padrões entre temas e interpretações populares de estudantes, em comparação com os de seus pais. Aqui, ela é influenciada pela recente atenção dada à religião e à cultura como objetos simbólicos, *per se* estruturadas em padrões de ideias, ensinamentos, ênfases e modos interpretativos - sendo bons exemplos disso textos, discursos, sermões, códigos morais e literatura religiosa popular (ver WUTHNOW, 1987, 50-57). Mais uma vez, a questão da unidade de análise que surge é: além de sistemas de significado apenas individuais, há a coerência dos sistemas de significado, como evidentes dentro de tais formas. Comparar os sistemas de significado tradicionais ligados à forma pelas autoridades religiosas com as suas interpretações mais populares e muitas vezes bastante diversificadas pode ser uma parte importante desse trabalho de pesquisa.

Triangulação

O princípio de obtenção de múltiplas "escutas" sobre um fenômeno, utilizando abordagens ao estudo diferentes, é importante na pesquisa de religiões, com variações na prática e aplicabilidade.

Como já vimos, a aluna envolvida no projeto usa aqui uma variedade de métodos para pintar um retrato da religiosidade dos estudantes - questionários, entrevistas e análise de sistemas de significado conforme inferido a partir de textos religiosos com os quais eles e seus pais estão familiarizados. Métodos quantitativos e qualitativos são assim combinados: os primeiros fornecem uma visão estatística dos amplos parâmetros acerca do sujeito, enquanto os segundos oferecem exploração em profundidade e detalhe mais nuançado, tanto para os indivíduos, quanto para os materiais textuais. Pensando para onde esses dados apontam, quando combinados eles se complementam e até certo ponto oferecem um teste de um sobre o outro. Mesmo com um estudo exploratório muito simples - digamos, de seguidores dentro de um novo movimento religioso de católicos progressistas, em uma paróquia em particular, ou de pessoas que vão a retiros de meditação - , pode ser útil comparar dados demográficos, crenças e atitudes do grupo em estudo com um grupo maior, e muitas vezes mais representativo, da população. Essa é a triangulação de um tipo diferente, mas mais uma vez os dados de uma fonte servem como um controle sobre informações de pesquisa recém colhidas. Bancos de dados amplamente acessíveis agora permitem aos pesquisadores determinar o quanto um grupo em estudo relativamente pequeno é semelhante ou não em relação

a outros círculos similares, em uma grande variedade de indicadores. O princípio da triangulação estende seu olhar às variações entre os perfis de religiosidade e de fundo social em grupos semelhantes, oferecendo, assim, uma melhor noção do grupo de estudo em seu contexto religioso e social maior. Os historiadores se envolvem em uma lógica semelhante quando comparam as fontes primárias de arquivos com a análise secundária e comentários de historiadores anteriores. Dessa forma, eles podem examinar a representação da primeira pela segunda e, assim, traçar o processo de escrita do revisionismo histórico. Este último presta-se a um projeto interpretativo em si mesmo. O argumento fundamental para a triangulação, da maneira que ocorre, é duplo: em primeiro lugar, os métodos alternativos de estudo são complementares, cada um servindo para completar o quadro do que equivale a um conjunto composto de informações; em segundo lugar, a triangulação serve como um controle sobre a subjetividade do pesquisador - o ponto é que, quanto maior o número de "escutas" relativas a uma questão, menor a probabilidade de os pesquisadores poderem descartar ou torcer evidências na pesquisa, em favor de suas próprias inclinações.

Representação

Simplificando, a representação faz referência a um retrato: o quadro pintado das pessoas, comunidades, instituições ou outros fenômenos religiosos. Ela surge a partir de uma preocupação, de várias maneiras, dependendo dos tipos de projetos de pesquisa. A representação começa com algo muito simples, mas fundamental, como rotular adequadamente uma população ou conjunto de artefatos que se estuda. Nossa aluna pesquisadora deparou-se com isso ao selecionar as classes em que lançaria os questionários na universidade: ela escolheu três grandes classes de aula de Química, História e Ciência Política e, deliberadamente, evitou incluir uma classe de estudos da religião. Aqui, não há certo ou errado, acima de tudo o que importa é a melhor forma de definir os parâmetros da pesquisa e atingir o objetivo. Porque ela queria descrever padrões religiosos de transmissão dos pais, no caso de alunos com origem inter-religiosa e religiosa/secular na universidade, procurou respostas no seio de cursos de Ciência, Ciência Social e Humanidades. Isso permitiu a comparação entre as três subpopulações, conferindo riqueza ao seu estudo. A classe de estudos da religião não foi incluída porque ela sentiu que seus alunos poderiam ser mais bem informados sobre os temas que ela estava explorando, e que essa poderia introduzir um viés nos resultados. Além disso, por razões práticas, ela escolheu ainda não levar em conta outra comparação, neste caso entre os alunos de estudos da religião e todos os outros. Obviamente, esse poderia ser, por si só, um interessante tema de pesquisa, mas não era o que lhe interessava alcançar em sua busca.

Ela também enfrentou a questão de quantos questionários de alunos coletar e de quantas entrevistas em profundidade devia empreender. Quantos casos são necessários para que se possa fazer generalizações confiáveis? Em levantamentos quantitativos em larga escala esse é um problema menor, simplesmente porque com um tamanho de amostra da ordem de várias centenas, a confiabilidade das inferências é muito mais provável. Quanto maior a amostra, melhor, já que, de acordo com a "lei dos grandes números" da estatística, conforme o número de observações aumenta, maior é a probabilidade de que a contagem média vá refletir as verdadeiras estimativas da população maior; em pequenas amostras essas mesmas contagens são mais propensas a flutuar. Relacionada a isso há a questão dos acasos, ou de ter uma **amostra aleatória**, significando, no sentido estrito, que cada caso em uma população maior tem uma chance igual de ser incluído na amostra. Obviamente, em muitas pesquisas tal premissa não é atendida, isso porque os pesquisadores muitas vezes não conseguem realizar estudos amplos, dado o tempo e considerações de custo, e são forçados a se contentar com tamanhos de amostra menor que o ideal. Ela teve um total de 186 questionários respondidos, o que é suficiente; os estatísticos alertam contra menos de 50 casos no plano das generalizações. Com as entrevistas em profundidade ela não se preocupou tanto com os números: realizou 37 entrevistas, 17 com os alunos que tem pais inter-religiosos, 20 com aqueles que têm pais religioso-seculares. O ideal seria haver mais entrevistas, mas porque ela tratou a informação recolhida a partir dessas para descrever nuances e fornecer boas citações no processo de transmissão intergeracional da religiosidade, parecia não ser um problema extremamente sério. (A "boa" citação aqui não é simplesmente aquela que é intrinsecamente interessante ou retoricamente eficaz: tais citações de entrevistas são eficazes quando ilustram tendências ou exceções significativas e, mais genericamente, quando exemplificam um achado específico para uma das medidas ou rótulos usados no estudo). A falta de mais entrevistas remeteu a algo relacionado a uma questão de difícil interpretação, quando se olha para rapazes e moças separadamente nos dois grupos de estudantes. Levar em conta tal fator reduziu o número de casos mais ou menos pela metade. Esse não é um problema incomum em pesquisa exploratória deste tipo. Com estudos qualitativos da ordem mais comum em Ciência da Religião, questões de amostragem e população são de menor peso, mas não podem ser totalmente descartadas.

Os pontos de vista e as sensibilidades do pesquisador tornam-se uma preocupação metodológica. Isto ocorre com mais frequência na pesquisa histórica, textual e interpretativa (incluindo entrevistas em profundidade), em que as atenções estão voltadas, em grande parte, para o descrever os significados atribuídos aos símbolos, scripts e discurso, e relatar o que as pessoas dizem e fazem — especialmente em pesquisa etnográfica, na qual o observador interage e participa frequentemente com as pessoas. Particularmente, na redação final de pesquisa, surgem com facilidade perguntas relativas

à voz, aos valores e pontos de vista do pesquisador. Muita atenção na Ciência da Religião, ao longo dos anos, tem sido dada ao debate "insider-outsider", à **Verstehen** (modelagem de perspectivas individuais), **epoché** (suspensão descrença), "**Bracketing**"¹ de reivindicações de verdade, "**agnosticismo metodológico**", e, mais recentemente, a **auto-reflexividade**, tudo em um esforço para minimizar o preconceito ou má interpretação por parte do pesquisador. Nossa aluna pesquisadora preocupou-se em como se apresentar nas entrevistas, caso perguntado se ela ou seus pais eram religiosos, temendo que tudo o que ela dissesse pudesse de alguma forma afetar o que os entrevistados dissessem. Ela escolheu ser honesta, muito apropriadamente, e descrever ambos os pais sempre que possível e, assim, dar o máximo de variação de identidades religiosas e não-religiosas que pudesse.

Esta última preocupação é especialmente evocada na etnografia, em que o que se aprende depende, em grande parte, de como os pesquisadores se apresentam, e por sua vez sobre a forma como os informantes se apresentam para os pesquisadores, o que pode, potencialmente, alterar a visão dos pesquisadores. O processo interpretativo torna-se muito complicado, como mostrado no quadro 1.5.1, em que Landres (2002) descreve oito "**momentos representacionais**", como ele os chama.

Quadro 1.5.1 Momentos representacionais em trabalho de campo

- O pesquisador representa a si mesmo aos estudados
- Os "outros" representam o pesquisador a si mesmos
- Os "outros" representam a si mesmos aos outros dentro de seu próprio grupo
- Os "outros" representam a si mesmos ao pesquisador
- Os "outros" representam o pesquisador a si mesmo
- O pesquisador representa os "outros" para outros pesquisadores e para o público
- O pesquisador representa os "outros" para si mesmos
- O pesquisador representa o pesquisador de campo não só para o público, mas também a seus companheiros pesquisadores

(Landres 2002)

Cada um é um exemplo de onde o descuido de interpretação é possível. Outros pesquisadores têm apontado para ainda mais desses momentos; o ponto principal de tudo isso é que os etnógrafos e outras pessoas envolvidas na pesquisa de campo devem levar a sério como as relações entre o pesquisador e o pesquisado, e entre pesquisadores e os seus colegas de profissão, podem potencialmente impactar a pesquisa. Problemas de subjetivismo e viés interativo na pesquisa qualitativa podem ser reduzidos por se

¹ NT: literalmente, "colocar entre parênteses".

envolver vários pesquisadores no mesmo projeto, uma vez que eles podem aferir as interpretações uns dos outros. No entanto, isso muitas vezes não é possível, é claro, e os investigadores individuais devem estar conscientes das questões sutis envolvidas e disciplinar-se da melhor forma possível para resolvê-las.

Não apenas na Etnografia, mas de modo geral em projetos de Ciência da Religião, os pesquisadores precisam estar conscientes de como eles se situam em relação ao que estudam. O antropólogo Andre Droogers resume essa situação muito bem:

Para avaliar as características da religião, deve-se incluir a perspectiva do estudioso. A definição de religião é dificilmente objetiva— um velho ideal positivista —, sem uma apreciação dos pressupostos e opções ocultas. O que foi mantido implícito ou considerado irrelevante precisa se tornar explícito. [...] Isto significa que os estudiosos devem olhar não só para o objeto de estudo, mas também para seus próprios papéis [...] Em vez de localizar-se fora do campo, os estudiosos da religião devem ver-se, mesmo que apenas por um curto período de tempo de autoexame, como atores neste campo (DROOGERS, 2009, 216).

Assim situado, o trabalho do pesquisador, segundo Droogers, pode ser entendido como uma forma séria de "jogo" (DROOGERS, 2009, 277). "Jogo" — como "imaginação" —, sugere muitas coisas: a consciência dos papéis, de envolvimento com os outros e suas tradições, e de encontros criativos. Qualquer outra coisa que é exigida do pesquisador em religião - imaginação, empatia e abertura para possibilidades, são todos críticos. Como no estudo da cultura em geral, deve-se ver a si mesmo como envolvido em uma reflexão contínua sobre a melhor forma de representar o que ele ou ela estuda. Também se deve fazê-lo conscientemente, como diz Droogers, como um ator dentro do campo em um jogo prolongado de dar e receber, de afirmação e contra-afirmação, e de o que equivale a um conjunto de interpretações negociado e em constante mutação.

Comentários finais

Agora já deveria ser evidente que para um determinado projeto não há nenhum plano de pesquisa "único" ou "certo". Mesmo com os projetos mais bem elaborados, conceitual e metodologicamente, não é incomum a revisão durante a realização da pesquisa, e, em especial, após os pré-testes. Questões práticas de tempo e de custo surgem quase inevitavelmente. Atalhos são muitas vezes inevitáveis, mas se possível devem ser evitados à luz do que isso pode significar para a qualidade das evidências, a sua validade e confiabilidade. Planos de pesquisa, ao mesmo tempo simples e

complexos, podem render excelentes resultados ou, se o projeto é falho, maus resultados. Planos simples que são parcimoniosos e bem focados estão entre os melhores, mas tudo depende, é claro, de quão bem um plano consegue capturar respostas válidas e confiáveis para a pergunta chave. A questão crítica é saber se a pesquisa apresentará resultados convincentes, abalizados pelos melhores padrões de pesquisa.

Imaginando o futuro, as possibilidades de investigação inovadora sobre religião são muito promissoras. Nós sabemos mais agora sobre os pontos fortes e fracos de vários tipos de projeto de pesquisa do que há uma ou duas décadas, mesmo que novos desafios surjam inevitavelmente, na medida em que novas formas religiosas emirjam. Desenvolvimentos interculturais nas religiões, política e ideologia, em um mundo global, quase certamente irão conduzir à formação de melhores conceitos, teorias e metodologias de pesquisa. Análises comparativas irão avançar conforme nos baseemos em melhores e mais padronizados tipos de dados, e na medida em que os pesquisadores tornam-se mais sensíveis aos preconceitos culturais de determinados métodos e abordagens para o estudo da religião. Com a Internet, agora temos mais do que nunca arquivos históricos e bancos de dados sobre a religião em muitos países, um recurso que, sem dúvida, continua a se expandir. Os pesquisadores já são capazes de compartilhar métodos e resultados para além das fronteiras nacionais, para explorar abordagens multidisciplinares interculturais e para se comunicarem uns com os outros em questões sobre conceitos, medidas, validade, confiabilidade e outros elementos de planejamento. No entanto, nem todos os recursos da Internet respondem à exigência de prover dados adequados. Parte deles é compilado de fontes militantes e orientadas ideologicamente; a informação é frequentemente tendenciosa e não representativa, obviamente uma base pobre para se obter generalizações confiáveis. Os pesquisadores, portanto, devem ter cuidado considerável e bom senso ao usar esses materiais. Como os recursos à nossa disposição e oportunidades de colaboração global aumentam, assim também deve o nosso senso de disciplina profissional e responsabilidade. Para citar o preceito bíblico: a quem muito é dado, muito é exigido.

Referências

- BOURDIEU, P., 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge University Press, Cambridge. (Há tradução em português: *Esboço de uma teoria da prática*, in ORTIZ, R. [org.], *Pierre Bourdieu*, Sociologia. São Paulo, Ática, 1983, 46-81).
- BRAUN, W., 2000. Religion. In: BRAUN, W. and MCCUTCHEON, R.T. (eds), *Guide to the Study of Religion*. Cassell, London, pp. 3-18.

- CASANOVA, J., 1994. *Public Religions in the Modern World*. University of Chicago Press, Chicago.
- DENZIN, N. K. and LINCOLN, Y. S. (eds), 2003. *The Landscape of Qualitative Research*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA.
- DROOGERS, A., 2009. Defining religion: a social science approach. In: CLARKE, P. B. (ed.), *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Oxford University Press, Oxford.
- HALL, J. R., 1991. Hermeneutics, social movements, and thematic religious history. In: BROMLEY, D.G. (ed.), *Religion and the Social Order*. JAI Press Inc., London, vol. 1, pp. 91—114.
- LANDRES, J. S., 2002. Being (in) the field: defining ethnography in Southern California and Central Slovakia. In: SPICKARD, J.V., LANDRES, J.S. and MCGUIRE, M. B. (eds), *Personal Knowledge and Beyond: Reshaping the Ethnography of Religion*. New York University Press, New York, pp. 100—12.
- MILLS, C. W., 1959. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press, Oxford. (Há tradução em Português: *A imaginação sociológica*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975).
- ORSI, R., 1997. Everyday Miracles: the study of lived religion. In: HALL, D.D. (ed.), *Lived Religion in America*. Princeton University Press, Princeton.
- RIIS, O. R., 2009. Methodology in the sociology of religion. In: CLARKE, P.B. (ed.), *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Oxford University Press, Oxford, New York, pp. 229—44.
- ROOF, W. C., 1979. Concepts and indicators of religious commitment: a critical review. In WUTHNOW, R. (ed.), *The Religious Dimension: new directions in quantitative research*. Academic Press, New York, pp. 17-45.
- SMART, N., 1999. *Worldviews: cross-cultural exploration of human beliefs*. 3rd edn. Prentice-Hall, Englewood, NJ.
- SMITH, J.Z., 1978. *Map Is Not Territory: studies in the history of religion*. Brill, Leiden.
- STARK, R. and GLOCK, C. Y., 1968. *American Piety: the nature of religious commitment*. University of California Press, Berkeley.
- SWIDLER, A., 1986. Culture in action: symbols and strategies. *American Sociological Review* 51: 273—86.
- VERBIT, M. F., 1970. The components and dimensions of religious behavior: toward a reconceptualization of religiosity. In: HAMMOND, P. E. and JOHNSON, B. (eds), *American Mosaic: social patterns of religion in the United States*. New York: Random House, pp. 24—39.
- WUTHNOW, R., 1987. *Meaning and Moral Order: explorations in cultural analysis*. University of California Press, Berkeley.

Leitura Complementar

- ALVESSON, M., 2010. *Interpreting Interviews*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA. (*Muito útil para se construir e analisar dados de entrevista*).
- CLARKE, P. B. (ed.), 2009. *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Oxford University Press, New York. (*Um volume extenso de ensaios percorrendo o estudo sociológico da religião, com uma excelente seção sobre métodos e metodologias*)
- CRESWELL, J. W. and CLARK, V. L., 2010. *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA. (*Um volume sobre métodos gerais, muito útil para se tomar decisões sobre planos de pesquisa e para combinar métodos estatísticos e de outra ordem*)
- GLASER, B. G. and STRAUSS, A. L., 1967. *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter, Chicago. (*Um clássico que examina as observações, formação de conceitos e lógica indutiva*)
- LOFLAND, J. and LOFLAND, L. H., 1995. *Analyzing Social Settings: a guide to qualitative observation and analysis*. 3rd edn. Wadsworth, Belmont, CA. (*Pesquisadores bem conhecidos observam de perto o "salto" da observação de campo para a análise*).
- O'REILLY, K., 2009. *Key Concepts in Ethnography*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA. (*Como o título sugere, o livro examina mais de trinta conceitos relacionados à etnografia*)
- TRAVERS, M., 2001. *Qualitative Research through Case Studies*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA. (*Uma análise comparativa de estudos de caso, não focado em religião, mas útil em captar a lógica da pesquisa comparativa*).
- WILLIAMS, M., 2000. Interpretivism and generalization. *Sociology* 34 (2): 209-24. (*Um tratamento excelente das armadilhas da interpretação e de como se fazer generalizações responsáveis em pesquisa*)

Fontes de dados

adherents.com. Um enorme banco de informações sobre as religiões mundiais, por países e regiões geográficas.

American Religion Data Archive: www.arda.com. Um amplo arquivo de dados de levantamentos e pertença de instituições religiosas nos Estados Unidos.

Online Texts. www.library.yale.edu/div/forfree.html#texts. Um grande conjunto de recursos textuais relacionados à ética.

Pew Forum on Religion and Public Life. pewforum.org. Um corpo extenso de dados de levantamentos e comentários sobre temas de religião, sociedade e política nos Estados Unidos.

Religiousmovements.org. Informações sobre novos movimentos religiosos, mais a cobertura de controvérsias e casos jurídicos envolvendo novas religiões.

Search Institute. Um conjunto extenso e diverso de informações sobre religiões.

Conceitos Chave

Amostra aleatória: um subgrupo selecionado no qual cada pessoa ou unidade de observação, dentro de uma população, tem uma chance igual de ser selecionada.

Auto-reflexividade: a capacidade de pensar criticamente sobre o contexto e de si mesmo em relação ao outro.

Bracketing (Colocar entre parênteses): auto-conscientização por parte do pesquisador para tentar suspender seus próprios valores e crenças.

Definições operacionais: medidas utilizadas para representar conceitos em pesquisa empírica.

Plano de pesquisa: plano de conjunto das relações entre os conceitos, métodos e inferência lógica em pesquisa.

Plano Longitudinal: Coleta de dados da mesma amostra (indivíduos ou grupos) ao longo do tempo.

Plano transversal: Coleta de dados de uma amostra de casos em um ponto de tempo.

Hermenêutica da suspeita: interpretação crítica e questionamento para além das aparências.

Metodologia: reflexão filosófica sobre um plano de pesquisa, sua adequação, validade e interpretação.

Momentos representacionais: os tempos em que se representa o outro em atos de pesquisa, especialmente na etnografia.

Verstehen (Compreender): qualidade de identificação e empatia com o outro.

Recebido: 07/03/2015

Aprovado: 28/03/2015